

ADIVINHAS

— Duas colecções particulares

da primeira metade do século *

Francisco Topa

«Não há género, na literatura oral, que apresente maior número de obras-primas de síntese, de originalidade e de sabedoria, de graça, de ironia» – escreveu Luís da Câmara Cascudo¹ sobre a adivinha. E, de facto, esses textos têm um interesse que raramente lhes tem sido reconhecido.

Embora actualmente recebam quase que em exclusivo a atenção das crianças e pareçam ver em perigo a sua sobrevivência na memória oral, as adivinhas constituem um género de certo modo atemporal e universal, como estudos de tipo diverso o têm mostrado. Recorrendo à analogia como princípio constitutivo básico, a adivinha – como defendeu Teófilo Braga² – apresenta uma linguagem próxima do

* Publicado em *Encontros*, n.º 1, Porto, Sociedade de Estudos e Intervenção Patrimonial, 1995, pp. 125-133.

¹ *Literatura Oral no Brasil*, 3.ª ed., Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDSUP, 1984, p. 67.

² *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições*, vol. II, Lisboa, Edições Dom Quixote, 1986, p. 263 e ss..

mito e representa um processo elementar de conhecimento. Compreende-se assim a razão de ser da sua presença na fase primeira de quase todas as civilizações, como se compreende a reconversão por que foi passando e que a levou – à medida que o pensamento racional se foi impondo – a adquirir um aspecto mais lúdico do que sério, justificando a elaboração literária a partir de determinada altura e, depois, a recepção privilegiada pelas camadas mais incultas e pelos seus vectores extremos do ponto de vista etário: a velhice e a infância.

Em Portugal – onde continua a fazer falta um estudo sério e sistemático deste género, apesar dos esforços de alguns dos nossos primeiros folcloristas e etnógrafos –, a primeira colecção impressa é bem antiga, datando do início do século XVII: trata-se do *Passatempo Honesto de Enigmas e Adivinhações* – uma obra de intenção moral e com arranjo literário, mas que claramente recorre à fonte popular –, da autoria de Francisco Lopes, publicada em Lisboa, em 1603. Mas, tanto antes (em Gil Vicente, p. ex.) como depois, são várias as obras literárias que atestam a sua popularidade, inclusive no seio da aristocracia.

As 76 adivinhas que abaixo publicamos representam um pequeno contributo para o inventário do nosso património nesta área. Repartidas em dois grupos, foram directamente transcritas de duas colecções particulares, ambas manuscritas em pequenos cadernos de apontamentos. Independentemente do interesse que os seus textos possam apresentar tomados isoladamente, estamos em crer que a sua importância residirá sobretudo naquilo que nos mostram da vigência – e da vivência – da adivinha num determinado tempo (a primeira metade do nosso século), num determinado espaço (o distrito do Porto, representado por duas áreas, uma urbana e outra rural) e num determinado estrato social (a média burguesia).

O primeiro grupo – que engloba 58 textos – está datado de 1 de Janeiro de 1902, do Porto, e deve-se a Maria Emília de Lima Monteiro Guimarães. A sua colectora, natural do Porto, contava na altura 14 anos. Do ponto de vista sócio-

cultural, pertencia à média burguesia da cidade e recebera a educação normal das meninas da época: depois da instrução elementar, aprendera – com uma espécie de preceptora – Francês, piano e os chamados labores. As adivinhas estão anotadas num caderno com as dimensões de 8,5x14cm, constituído por 63 páginas numeradas, estando em falta as primeiras quinze; a colecção que nos interessa figura na primeira parte do caderno, entre as páginas 16 e 39 (sendo, portanto, legítimo supor que as páginas em falta contivessem também adivinhas). Três anos depois da elaboração do caderno, em 1905, Maria Emília está casada com um médico duriense e passa a residir em Santa Marta de Penaguião. O primeiro dos seis filhos nascerá em 1906, e – de acordo com o testemunho de Arcelina Monteiro Dias de Oliveira Ferreira Lourenço, a segunda filha, nascida em 1908, e ainda viva – a colecção manuscrita terá sido usada para a aprendizagem de adivinhas. Mais tarde, o processo repete-se: a própria Arcelina Lourenço acaba por ficar com o caderno e, já casada, dele se servirá para entreter o seu filho e, depois, as suas duas netas.

O segundo manuscrito é também um pequeno caderno de 10x16 cm, formado por 26 páginas pautadas, das quais apenas cinco se encontram escritas, contendo um total de 18 adivinhas. Foi elaborado por Laura Pedrosa Ferreira Lourenço (sobrinha da referida Arcelina), natural de S. Martinho do Campo (Santo Tirso), e na altura estudante no Colégio Moderno, do Porto, como se vê pela capa do caderno. Esta recolha não está datada, mas é seguro que tenha sido elaborada cerca de 1950, numa altura em que Laura Lourenço teria cerca de 16 anos. Pormenor curioso é o facto de a colecção ser destinada a um seu primo, Armando Lourenço (filho de Arcelina e neto da colectora do primeiro grupo de adivinhas), doze anos mais novo. Como se vê, os dois manuscritos, embora distanciados cerca de cinquenta anos, estão *unidos* por laços familiares.

Feito este breve esclarecimento, apenas um rápido comentário sobre o conjunto dos textos assim recolhidos. Como será fácil de observar, uma boa parte deles

não traz novidades de maior. Maioritariamente, trata-se de adivinhas conhecidas – parte das quais ainda em circulação activa –, ainda que com frequência assumindo a forma de variantes algo divergentes em relação àquelas que estavam já inventariadas. Muitas delas têm uma assinalável tradição documentada, uma vez que figuram também na referida obra seiscentista de Francisco Lopes; além disso – como se pode ver por vários estudos, a começar talvez por Teófilo Braga³ – encontram paralelo na tradição oral de vários outros povos. Casos há, porém, em que os textos são aparentemente inéditos.

De qualquer das formas, essas e outras observações exigiriam um espaço que ultrapassaria os limites de uma simples nota, pelo que aguardarão outra oportunidade. Aqui ficam, portanto, os dois grupos de textos, apresentados na ordem em que figuram nos manuscritos e sem alterações significativas. Limitámo-nos a modernizar a ortografia e a unificar os critérios de pontuação. Esperamos que este pequeno contributo estimule de alguma forma – pelo menos no âmbito desta revista – um interesse novo por uma das modalidades actualmente mais esquecidas da literatura oral. É que, mais do que simples brinquedo verbal, a adivinha pode ser também fonte importante de informações sobre a idiosincrasia de um povo, como pode constituir campo de grande interesse para o estudioso da literatura, que dificilmente ficará indiferente à perfeição da sua *arte poética* (métrica, rima, forma estrófica), à sua retórica, à sua estilística (onde a personificação e a analogia desempenham um papel fundamental, por vezes remetendo para a sugestão aparentemente obscena). Verdadeiro desafio é, pois, a adivinha. Observou André Jolles⁴ que os gregos tinham duas palavras para a designar: *ainos* (com o correspondente *ainigma*) e *griphos*; «Na primeira (...) – comenta o referido estudioso – está implícito o facto do ciframento, ao passo que na segunda, que significa propriamente

³ *Op. e loc. cit.*

⁴ *Formas Simples*, São Paulo, Cultrix, 1976, p. 123.

‘rede’ – a rede que nos aprisiona e cujos nós se emaranham – exprime-se melhor a perfídia da cifra». Aqui ficam alguns desses nós fascinantes, à espera de serem desatados.

I

1.

Passa e passa, e quem não souber burro é.

(As horas a passar)

2.

De que cor era o cavalo branco de Napoleão?

(Branco)

3.

Cal é a coisa, cal é ela

Que se está a ver

E não parece ela?

(Cal)

4.

O inglês levanta-se à meia-noite;

Traz esporas, não é cavaleiro;

E cava na terra, mas não acha dinheiro.

(Galo)

5.

É de linho,
No meio flores
E à volta amores.
(Mesa)

6.

Verde foi meu nascimento
E de luto me vesti;
Para dar luz ao mundo
Mil tormentos padeci.
(Azeitona)

7.

Tenho um brinquinho que brinca
E onde brinca endoidece;
Quanto mais meu brinquinho brinca,
Mais meu brinco cresce.
(Fuso)

8.

Em cima de vós me ponho
E vós vos balançais;
Eu com o gosto venho
E vós com ele ficais.
(Figueira)

9.

Alto está,
Alto mora;
Todos param
E ninguém o adora.
(Sino)

10.

Qual é a coisa
Que sai de casa encolhida
E entra estendida?
(Concha)

11.

Sou um pobre velho encolhido,
Só ao pé das damas estou bem;
Dou-lhes o que tenho
E tiro-lhes o que elas têm.
(Leque)

12.

Que é, que é,
Que é branco como um punhal
E não tem ponta nem pontal?
(Ovo)

13.

Como se chamava o pai dos filhos de Zebedeu?
(Zebedeu)

14.

De Roma me veio o nome
E eu coroada nasci;
De mil filhos que tive,
De encarnado os vesti.
(Romã)

15.

Estando a Senhora D. Branca
Muito bem repimpada,
Veio o Senhor Barbacenas
E deu-lhe uma bofetada.
(A parede e o pincel)

16.

Uma senhora, muito assenhorada,
Que nunca sai à rua
Sem ser sempre molhada.
(Língua)

17.

Ceguei-me a ti;
Uma coisa
Que eu trazia
Em ti meti.
(Chave)

18.

Trinta moleiros,

Dez carreteiros à porfia

E uma velha no meio

A moer a maquia.

(Os dentes, os dedos e a língua)

19.

Eu amei uma menina

Por um buraco que ela tem,

Tosquiado ao desdém;

Ao entrar custou-me muito,

Ao sair soube-me bem.

(Uma borracha)

20.

Pais altos,

Mães baixas;

Filhos pretos,

Netos brancos.

(Pinheiro, pinhas, pinhões)

21.

Pucarinhos, pucaretas,

Oh que belos ramalhetes;

Nem cozido, nem assado,

Nem mexido com colher.

Não adivinhas este ano,

Nem para o ano que vier;

Só se to eu disser.

(Romã)

22.

A carne da mulher é dura,

Mais duro é o que a fura;

Mete-se o duro no mole,

Ficam dois à dependura.

(Brincos)

23.

É branco, não é papel;

É verde, não é limão;

É vermelho, não é sangue;

É preto, não é carvão.

(Melancia)

24.

No monte se dá,

No monte se cria;

Vem para casa,

Dá mais penas

Que alegrias.

(Esquife)

25.

Alto como um pinheiro,

Redondo como um pandeiro.

(Poço)

26.

Antes de o ser já o era.

(Pescada)

27.

Vem além um homem

E vem a pregoar.

E eu disse-lhe assim:

– Meta o seu no meu.

E fui-lhe pagar

E ele ia a tirar

E eu disse-lhe:

– Deixe estar

Que ainda está a pingar.

(Azeiteiro)

28.

Uma coisa que está no meio de duas pedras, dá um berro e chama toda a gente.

(Sino)

29.

Vai a correr e não passa d'um cabo.

(Centeio)

30.

Burro de ferro,
Albarda de linho,
Tic, tic, como um passarinho.
(Candeeiro)

31.

Uma capelinha
Muito redondinha,
Tem sacristão
Muito mexilhão,
Todos os santos
Da mesma cor.
(Boca)

32.

Arca de Santa Luzia,
Abre e fecha e não chia.
(Olhos)

33.

Cai na água quebra,
Cai no chão e não quebra.
(Papel)

34.

Altos castelos,

Verdes e amarelos.

(Laranja)

35.

Não é Deus e pode-o ser.

(Hóstia)

36.

Pega lá minha menina

Esta botelinha de vinho

Que a bem branca tornou a seu ninho;

Venho a cavalo em quem nunca nasceu,

Em sua mãe trago as mãos.

(Égua)

37.

Campo branco,

Semente preta,

Cinco bois

A puxar uma carreta.

(Papel, letras, mão na pena)

38.

Antes de gerado ser,

Viajei de noite e dia;

Quem quer ser acautelado

Sempre de mim se confia.

39.

Para que eu nasça me prendem;
Fui fêmea antes de macho ser.
Sem que fosse missionário,
Converti uma mulher.
Eu sigo a lei dos cristãos,
Tanto que nela represento
Que sem ser pão, vinho, nem água
Figuro num sacramento.
(Sal)

40.

Sou um corpo com muitas línguas
E com todas elas falo;
Quando estou com quem me entenda,
Para dar gosto não me calo.
Ainda que me julguem farto,
O mau tempo me faz dano.
Tenho dez amigos certos
Com quem há muito me dou;
Eles são quem me procuram,
Eu nunca buscá-los vou.
(Diário)

41.

Qual rato que entra na toca,
Eu por buracos me meto;
Tenho bico e não sou ave,

E furo sem ser espeto.
Passo os dias sem cama,
Água bebo fria ou quente;
Qual criada de servir,
Ando sempre atrás da gente.
Eu tenho ajudado a muitos
E caso de mim não fazem;
Mas quando de mim precisam
É quando nas palmas me trazem.
(Seringa)

42.
Sou uma velha formosa,
Onde estou nada receio;
Para figurar no mundo,
Preciso o socorro alheio.
Sem dívidas ou crimes,
Tenho tempo em que me escondo;
Mas depois quando apareço,
Às vezes é com estrondo.
Os amantes me aborrecem,
Pois lhes descubro a malhada;
Os cães comigo têm zanga,
E sou no mar desejada.
(Lua)

43.
Eu ando léguas num pé,

Tenho entrada em toda a parte;
Mas o sítio onde me escondo,
Não descobriu ainda a arte.
Uns apeteçam-me fraco,
Outros desejam-me forte;
Afouto que me não teme
Às vezes entrego á morte.
Sou muito desarranjado,
E nada sei arrumar,
Antes deixo muitas coisas
Por fora de um lugar.
(Vento)

44.
Eu sou mãe de muitos filhos,
E todos comigo tenho;
Para lhes matar a fome,
Dou mil voltas, vou e venho.
Como no tempo presente
Tudo custa a sustentar,
Quando estão fartos e cheios
Ponho-me logo a cantar.
Bem que sou velha no mundo,
De mole não tenho nada;
Mas em me caindo os dentes
Fico de parte, entrevada.
(Hora)

45.

Todas as damas me querem,
Dá-me a cabeça valor;
Sem ter dentes, firo às vezes,
Sem montar, sou picador.
Aquele a quem faço falta,
Se ao pé de si me não vê,
Vai buscar notícias minhas
Em carta que se não lê.
Sou muitas vezes emprestado
E poucas restituído.
(Alfinete)

46.

Entre ferros fui nascido,
Mil pesadelos padeço;
Com os vícios do meu dono
Muitas vezes emagreço.
A quem me traz facilito
Governo e o desgoverno;
Farta, sou prazer de casa,
Com fome, sou dela inferno.
Sem ser santa,
Obro prodígios mil,
Adorações me rendem.
Tenho boca, nunca falo,
Sem falar, todos me entendem.
(Bolsa)

47.

Sobre chamas me formaram,
E recebo dentro em mim
Quem faz tolos e discretos,
Quem faz um vilão ruim.
Mas em tendo por desastre
Uma costela quebrada,
Entro logo a lançar fora,
Porque não conservo nada.
Encho a todas as medidas;
Por prestadio que sou
Servi d'alojar um sábio,
Que até do tempo sou bom.
(Tonel)

48.

Sou teatro de prazeres,
Também sou de aflições,
De mocidades e velhos,
Donde se apagam paixões.
De dia sou procurada
De vadios e ladrões.
(Cama)

49.

Nasci branca, esclarecida,
E tornei à mesma cor;

Fui roubada sem ser sentida,
Para enriquecer um senhor.
(Abelha)

50.
Em planta me sustento,
Deito plantas ao vento;
Para dar luz a teus olhos
Padeço muitos tormentos.
(Azeitona)

51.
Em cima de ti estou,
Debaixo de mim te tenho;
Fraco é o meu engenho
Se te não meto o que tenho.
(Sapato)

52.
Uma velha muito velha,
Com a morte na garganta;
De sete filhas que teve
Só uma é que é santa.
(Páscoa)

53.
Não sou peixe nem pescada,
Dentro do mar fui nascido;

Se vivesse com minha mãe,
Já a tinha consumido.
Sem cantar nem bailar,
A todos dou muito gosto,
Triste por me ver
Neste traje descomposto.
(Sal)

54.
Que é, que é,
Que está no alto picoto,
Com os braços abertos
Que parece um garoto?
(Tecto)

55.
Brilha como prata
E prata não é;
Fossa como um porco
E porco não é.
(Arado)

56.
Dança com pança;
Com um palmo de carne
Faz uma dança.
(Guitarra)

57.

Peludo por fora,
Peludo por dentro;
Alça-lhe a perna
E mete-lho dentro.
(Meia)

58.

Dois na cama,
Dois na lavra
E um que lhe abana.
(Boi)

II

59.

Que fazem seis pardais, numa tarde de Verão, no beiral dum telhado?
(Meia dúzia)

60.

Sou mulher apenas uma,
Porém em duas me faço;
Partam em dois o meu nome
E não há mais embaraço.
(Rosalina)

61.

Na sua infância era mudo

E já fazia sucessos!

Agora fala, diz tudo,

A criança faz progressos!

(Cinema)

62.

Que é, que é,

Que está aos reguinhos como o pão

E não dá palha nem grão?

(Telhado)

63.

Eu falo e não tenho boca,

Tenho voz, ninguém me vê;

Quanto escuto digo em troca,

Sem que fadiga me dê.

Todo o som, todo o ruído

Que comigo venha dar

Mando-o logo devolvido,

Sem nada quero ficar.

(Eco)

64.

Sou parecido com um ovo,

Porém ovo é que não sou;

Dobrado me vês de novo,

Dobrado em voando vou.

(A letra o)

65.

O que é que faz um burro ao sol?

(Sombra)

66.

De que é que se deve encher uma pipa para ser mais leve?

(Buracos)

67.

Qual é a coisa que quanto mais rota está mais buracos tem?

(Rede)

68.

Somos quatro irmãs gémeas,

Quatro famílias formamos;

Por palácios e tabernas,

Com toda a gente nos damos.

(Cartas de jogar)

69.

Qual é a coisa que crua não presta e cozida não se come?

(Cal)

70.

Tem barbas e não queixo

Este bicho montanhês;
Tem dentes e não tem boca,
Tem cabeça e não tem pés.
(Alho)

71.
Tenho boca mas não falo,
A todos faço prender;
Mas se a uns faço rir,
A outros faço sofrer.
(Fechadura)

72.
Sou erva medicinal,
Sou descarga militar,
Saudação triunfal,
Peça de prata a brilhar.
(Salvas)

73.
Qual é a coisa, qual é ela,
De quatro sílabas feita,
Onde um par faz um macaco,
Outro par um peso ajeita,
E os quatro, macaco e peso,
Os teus lencinhos enfeita?
(Monograma)

74.

Qual é a mulher

Que ignora a desventura

E está cheia de formosura?

(Felisbela)

75.

Como é que os chineses comem quando têm fome?

(Com os dentes)

76.

Homem às direitas e luar às avessas.

(Raul)